

MÉDICAS-SACERDOTISAS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade
TERESA DIB ZAMBON ATVARS



Conselho Editorial

Presidente
MÁRCIA ABREU

EUCLIDES DE MESQUITA NETO – IARA LIS FRANCO SCHIAVINATTO
MARCOS STEFANI – MARIA INÊS PETRUCCI ROSA
OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR. – RENATO HYUDA DE LUNA PEDROSA
RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Comissão Editorial da Coleção Várias Histórias

RODRIGO CAMARGO DE GODOI (COORDENADOR)
IARA LIS FRANCO SCHIAVINATTO – JEFFERSON CANO
MARGARIDA DE SOUZA NEVES – SUEANN CAULFIELD

Conselho Consultivo da Coleção Várias Histórias

CLÁUDIO HENRIQUE DE MORAES BATALHA
MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA – ROBERT WAYNE ANDREW SLENES
SIDNEY CHALHOUB – SILVIA HUNOLD LARA

JACIMARA SOUZA SANTANA

MÉDICAS-SACERDOTISAS
RELIGIOSIDADES ANCESTRAIS E CONTESTAÇÃO AO
SUL DE MOÇAMBIQUE (C. 1927-1988)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

Sa59m Santana, Jacimara Souza
Médicas-sacerdotisas: religiosidades ancestrais e contestação ao sul
de Moçambique (c.1927-1988) / Jacimara Souza Santana. Campinas, SP :
Editora da Unicamp, 2018.

(Coleção Várias Histórias)

1. 1.Sacerdotes mulheres – Medicina. 2. Nyanga (Zimbabue) - História.
3. Moçambique – Colonização – História. 4. Moçambique – História –
Independência. I. Título.

CDD - 253.2

- 968.91

- 967.901

- 967.905

ISBN 978-85-268-1467-7

Copyright © by Jacimara Souza Santana
Copyright © 2018 by Editora da Unicamp

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Capes, entidade do
Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

1ª reimpressão, 2019

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br



COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS

A COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS divulga pesquisas recentes sobre a diversidade da formação cultural brasileira. Ancoradas em sólidas pesquisas empíricas e focalizando práticas, tradições e identidades de diferentes grupos sociais, as obras publicadas exploram os temas da cultura a partir da perspectiva da história social. O elenco resulta de trabalhos individuais ou coletivos ligados aos projetos desenvolvidos no Centro de Pesquisa em História Social da Cultura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (www.unicamp.br/cecult).

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 – ELCIENE AZEVEDO. *Orfeu de carapinha. A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo.*
- 2 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Entre a mão e os anéis. A Lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil.*
- 3 – FERNANDO ANTONIO MENCARELLI. *Cena aberta. A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo.*
- 4 – WLAMYRA RIBEIRO DE ALBUQUERQUE. *Algazarra nas ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923).*
- 5 – SUEANN CAULFIELD. *Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940).*
- 6 – JAIME RODRIGUES. *O infame comércio. Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850).*
- 7 – CARLOS EUGÊNIO LÍBANO SOARES. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850).*
- 8 – EDUARDO SPILLER PENA. *Pajens da casa imperial. Jurisconsultos, escravidão e a Lei de 1871.*
- 9 – JOÃO PAULO COELHO DE SOUZA RODRIGUES. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913).*

- 10 – ALEXANDRE LAZZARI. *Coisas para o povo não fazer. Carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*.
- 11 – MAGDA RICCI. *Assombrações de um padre regente. Diogo Antônio Feijó (1784-1843)*.
- 12 – GABRIELA DOS REIS SAMPAIO. *Nas trincheiras da cura. As diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*.
- 13 – MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA (org.). *Carnavais e outras f(r)estas. Ensaio de história social da cultura*.
- 14 – SILVIA CRISTINA MARTINS DE SOUZA. *As noites do Ginásio. Teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868)*.
- 15 – SIDNEY CHALHOUB, VERA REGINA BELTRÃO MARQUES, GABRIELA DOS REIS SAMPAIO e CARLOS ROBERTO GALVÃO SOBRINHO (orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de história social*.
- 16 – LIANE MARIA BERTUCCI. *Influenza, a medicina enferma. Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*.
- 17 – PAULO PINHEIRO MACHADO. *Lideranças do Contestado. A formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*.
- 18 – CLAUDIO H. M. BATALHA, FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA e ALEXANDRE FORTES (orgs.). *Culturas de classe. Identidade e diversidade na formação do operariado*.
- 19 – TIAGO DE MELO GOMES. *Um espelho no palco. Identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*.
- 20 – EDILENE TOLEDO. *Travessias revolucionárias. Ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*.
- 21 – SIDNEY CHALHOUB, MARGARIDA DE SOUZA NEVES e LEONARDO AFFONSO DE MIRANDA PEREIRA (orgs.). *História em cousas miúdas. Capítulos de história social da crônica no Brasil*.
- 22 – SILVIA HUNOLD LARA e JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA (orgs.). *Direitos e justiças no Brasil. Ensaio de história social*.
- 23 – WALTER FRAGA FILHO. *Encruzilhadas da liberdade. Histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*.
- 24 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Evaristo de Moraes, tribuna da República*.
- 25 – VALÉRIA LIMA. *J.-B. Debret, historiador e pintor. A viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)*.
- 26 – LARISSA VIANA. *O idioma da mestiçagem. As irmandades de pardos na América Portuguesa*.
- 27 – FABIANE POPINIGIS. *Proletários de casaca. Trabalhadores do comércio carioca (1850-1911)*.

- 28 – ENEIDA MARIA MERCADANTE SELA. *Modos de ser, modos de ver. Viajantes europeus e escravos africanos no Rio de Janeiro (1808-1850)*.
- 29 – MARCELO BALABAN. *Poeta do lápis. Sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)*.
- 30 – VITOR WAGNER NETO DE OLIVEIRA. *Nas águas do Prata. Os trabalhadores da rota fluvial entre Buenos Aires e Corumbá (1910-1930)*.
- 31 – ELCIENE AZEVEDO, JEFFERSON CANO, MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA, SIDNEY CHALHOUB (orgs.). *Trabalhadores na cidade. Cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX*.
- 32 – ELCIENE AZEVEDO. *O direito dos escravos. Lutas jurídicas e abolicionismos na província de São Paulo*.
- 33 – DANIELA MAGALHÃES DA SILVEIRA. *Fábrica de contos. Ciência e literatura em Machado de Assis*.
- 34 – RICARDO FIGUEIREDO PIROLA. *Senzala insurgente. Malungos, parentes e rebeldes nas fazendas de Campinas (1832)*.
- 35 – LUIGI BIONDI. *Classe e nação. Trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*.
- 36 – MARCELO MAC CORD. *Artífices da cidadania. Mutualismo, educação e trabalho no Recife oitocentista*.
- 37 – JOANA MEDRADO. *Terra de vaqueiros. Relações de trabalho e cultura política no sertão da Bahia, 1880-1990*.
- 38 – THIAGO MORATELLI. *Operários de empreitada. Os trabalhadores da construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil (São Paulo e Mato Grosso, 1905-1914)*.
- 39 – ÂNGELA DE CASTRO GOMES, FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA (orgs.). *A Justiça do Trabalho e sua história. Os direitos dos trabalhadores no Brasil*.
- 40 – MARCELO MAC CORD, CLAUDIO H. M. BATALHA (orgs.). *Organizar e proteger. Trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX)*.
- 41 – IACY MAIA MATA. *Conspirações da raça de cor. Escravidão, liberdade e tensões raciais em Santiago de Cuba (1864-1881)*.
- 42 – ROBÉRIO S. SOUZA. *Trabalhadores dos trilhos. Imigrantes e nacionais livres, libertos e escravos na construção da primeira ferrovia baiana (1858-1863)*.
- 43 – ANA FLÁVIA CERNIC RAMOS. *As máscaras de Lélío. Política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883-1886)*.
- 44 – LARISSA ROSA CORRÊA. *Disseram que voltei americanizado. Relações sindicais Brasil-Estados Unidos na ditadura militar*.
- 45 – JACIMARA SOUZA SANTANA. *Médicas-sacerdotisas: Religiosidades ancestrais e contestação ao sul de Moçambique (c. 1927-1988)*.

Em memória do nyanga Aurélio Moraes. Eu o conheci em 2009 quando estive em Maputo para realizar o primeiro levantamento de fontes no arquivo. Até hoje guardo na memória aquele encontro como um filme. O nyanga Moraes trazia uma capulana (tecido) ao ombro e um largo sorriso quando lhe falei do meu interesse de pesquisa. Recordo que, em resposta, ele exclamou: “minha filha, quando vens?”. Voltei três anos depois com o apoio da bolsa Capes. Na ocasião, ele já havia falecido. Suas orientações de pesquisa de campo foram valiosas para a continuidade do trabalho.

Obrigada, nyanga Aurélio Moraes!

Um velho escritor da Zambézia, Arone Fijamo, falou - me em maio de 1988 sobre as tradições africanas. Fiquei incrédulo, mas ele insistiu na abordagem sobre a cultura ancestral dos negros, frisando que é útil que o sector intelectualizado da juventude moçambicana saiba que os negros não vivem só por viver. Têm uma cultura própria, uma ciência que lhes é característica.

Paulo Sérgio. Revista *Tempo*, n. [?], 28/10/1988, p. 27.

AGRADECIMENTOS

Eis um livro escrito a duas mãos e pensado por um coletivo. Por ser o resultado das contribuições de muitas pessoas, agradecer é um ato para além das formalidades. Trata-se de uma ação indispensável e respeitosa.

Obrigada, doutor Robert W. Andrew Slenes! Sua discrição e seu profundo conhecimento me despertaram para alguns detalhes importantes das fontes recolhidas em arquivo e entrevistas. Como diz o provérbio popular, “o diabo mora nos detalhes”.

Também devo minha gratidão às professoras moçambicanas doutora Ana Maria Loforte – que, em meio a suas atividades na *Women and Law in Southern Africa Research and Education Trust* (WLSA), encontrava tempo para dar seu parecer sobre o andamento da pesquisa – e doutora Isabel Maria Casimiro, que, atenciosamente, leu a primeira versão do meu texto, entre outras colaborações. A doutora Amélia Souto também contribuiu muito na maturação da proposta de investigação com seus questionamentos. Aqui incluo o doutor Armindo Ngunga, diretor do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane (CEA/UEM), e os demais professores desse centro, com os quais pude dialogar durante o tempo em que morei em Moçambique. Também agradeço aos linguistas Jaime Mondlane e Eliseu Mabasso e a Maria Cândido, docente da UEM de Chibuto (Gaza), e ainda a doutora Felisbela Gaspar, doutor Simão Limbombo, Graça Cumbi, João Coloane, Albino Maheche, assim como aos padres combonianos residentes em Portugal e Moçambique.

Agradecimentos não podem faltar ao tio Anastácio, a Filomena Mate, ao senhor Arrone Chiziane, a dona Gina, entre muitos outros, que me ajudaram a vencer a barreira das línguas *changana* e *chope*. Essas pessoas não foram simplesmente tradutoras ou informantes,

mas amigas que deram muito mais do que eu havia solicitado. Seu acolhimento me deu a sensação de estar em casa. Agradeço de modo especial a todos e todas *tinyanga* que me escutaram e se mostraram disponíveis para falar sobre suas experiências, levando-me ao compromisso de dar um retorno por meio deste livro. Peço licença para agradecer, em especial, aos *tinyanga* Pedro Cossa, José Ndau, vovô Muyanga, Irene Filipe Muchanga, Armando Simango, tia Eva, Armando Mawai, Armando Madala, Felisberto Gazimo Siteo.

Não posso perder a oportunidade de agradecer aos funcionários dos arquivos e das bibliotecas por onde passei. Meu muito obrigada ao experiente pesquisador Antônio Sopa, que não se eximiu em fornecer algumas orientações entre minutos de folga de sua demanda de trabalho no arquivo!

A toda pessoa que contribuiu com esta obra, ainda que não citada, muito obrigada!

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	13
MAPAS.....	17
INTRODUÇÃO.....	23
1. A INTERDIÇÃO DAS ATIVIDADES DA(O) NYANGA E SEUS AGENTES.....	71
SOBRE A DETENÇÃO DE MULHERES TINYANGA.....	83
PREPARANDO ALMAS PARA DEUS E CORPOS PARA O TRABALHO.....	101
1	
2. LEI, COSTUME E CONTESTAÇÃO RITUAL.....	141
A FORÇA DO COSTUME: TINYANGA NOS TRIBUNAIS PRIVATIVOS DOS "INDÍGENAS".....	161
MULHERES TINYANGA REINVENTANDO IDENTIDADES POLÍTICAS.....	188
3. CONHECIMENTOS AFRICANOS E OCIDENTAIS DE SAÚDE SOB O REGIME COLONIAL.....	217
COLONIALISMO E SAÚDE DAS POPULAÇÕES AFRICANAS.....	223
A MANEIRA NYANGA DE CURAR: "EU NÃO TRATO SÓ DA SAÚDE, MAS TAMBÉM DAS DIFICULDADES DE CADA UM".....	261
A DESQUALIFICAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE OCIDENTAIS POR TINYANGA.....	271
4. O RETORNO DO GRUPO NYANGA AO CENÁRIO PÚBLICO.....	295
ASSOCIAÇÕES INTER-REGIONAIS E A LUTA NACIONALISTA.....	303
A EMERGÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE MÉDICOS TRADICIONAIS DE MOÇAMBIQUE.....	338
FONTES.....	368
ANEXO.....	381



Figura 1 – Mariam Mwabo, Nyamusoro recém-iniciada. Revista *Tempo*, n. 505, 1989, p. 27.

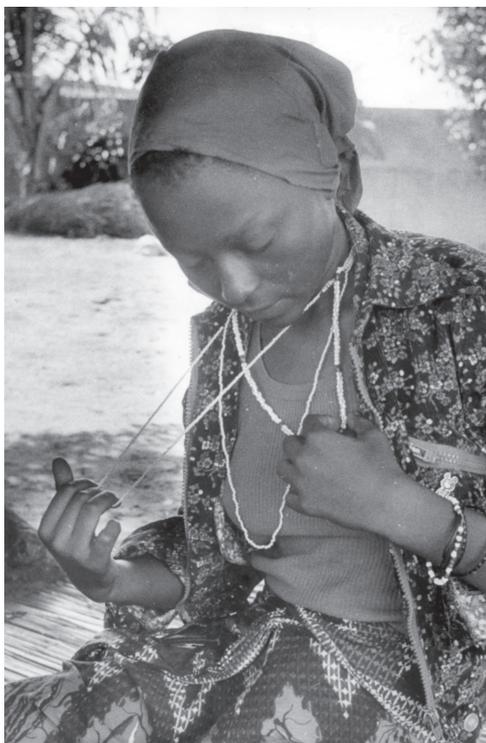


Figura 2 – Fios de conta. Revista *Tempo*, n. 505, 1989, p. 28.

PREFÁCIO

Escrito por Jacimara Santana, *Médicas-sacerdotisas: Religiosidades ancestrais e contestação ao sul de Moçambique (c. 1927-1988)* aborda a experiência desse grupo social na defesa dos seus modos de curar e promover o bem-estar contra as medidas de interdição e desprestígio das suas atividades conduzidas pelo Estado colonial e pelo pós-colonial até os dez primeiros anos após a independência (1975) e, nesses contextos políticos marcados por intensas mudanças, o processo de reconhecimento oficial de tal grupo e o retorno de seus membros ao cenário público.

Para a coleta de dados, percorreu três continentes; realizou a pesquisa bibliográfica entre Brasil e México, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP) e Colégio de México (Colmex-DF), onde, inclusive, cursou língua suaíli. Consultou fontes escritas nos arquivos de Portugal e Moçambique, realizando, nesse último país, o levantamento de fontes orais nas províncias de Maputo e Gaza, sobretudo nesta última – onde, como afirma, se registrou um maior número de prisões de *tinyanga* no período colonial. Na província de Gaza recolheu depoimentos nos distritos de Xai-Xai, cidade e zona rural de Chizianine, Chibuto, cidade e zona rural de Alto Changane e Bilene-Macia, incluindo a Vila.

A autora analisa o período entre 1927 – quando da implantação do Estado colonial e da interdição mais sistemática das atividades dos *tinyanga* –, passando por 1975, ano da independência de Moçambique, com igual proibição das suas atividades, até 1988, quando o Ministério da Saúde inicia debates e discussões que levariam gradualmente ao reconhecimento oficial de tal trabalho.

A perseguição, o desprestígio e a estigmatização do grupo de *tinyanga* manteve-se, bem como o impedimento de exercer a sua

função, apesar da criação do Gabinete de Estudos da Medicina Tradicional, no Ministério da Saúde, em 1977, “dedicado à identificação, registro das plantas medicinais e análise laboratorial de seu potencial de cura”. O conflito entre o Estado revolucionário da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo, que se tornaria Partido Frelimo a partir de 1977) e o grupo de *tinyanga*, acusado de obstaculizar o desenvolvimento do país, atenuou-se somente a partir da primeira metade dos anos 1980.

Jacimara Santana refere, com base nas fontes consultadas, que “até 1985, em termos oficiais, foi incentivada a desvalorização de algumas práticas culturais, inclusive aquelas exercidas pelo *Nyanga*, sobretudo médium”, reproduzindo-se no período pós-independência “as dificuldades vividas em tempos coloniais”. A criação da Associação de Médicos Tradicionais de Moçambique (Ametramo), em 1992, é uma forte expressão das mudanças ocorridas em relação ao grupo de *tinyanga*.

A interdição das atividades de *tinyanga*, tanto no período colonial quanto no posterior à independência (de 1975 até 1985), é reveladora de ambiguidades, tendo-se mantido o recurso aos seus serviços por parte de membros do governo e demais autoridades. Isso também possibilitou a sua sobrevivência. Mas é também paradoxal que um governo saído de uma luta de libertação nacional contra o colonialismo tenha mantido a proibição das suas atividades para a maioria do grupo de *tinyanga* durante cerca de dez anos após a independência, num momento em que “a nível internacional se debatia a valorização dos serviços de saúde prestados por membros daquele grupo sem excluir a sua dimensão religiosa, cultural, social” (debate da Organização Mundial de Saúde – OMS).

O Estado, após a independência, assumiu a função de desenvolver o país e o bem-estar social para todos, procedendo à nacionalização da saúde, da educação, da habitação e dos serviços de advocacia privada. A estratégia de desenvolvimento assumida pela Frelimo após o seu III Congresso em 1977 – quando esse movimento se transforma num partido de tipo marxista-leninista – e após a elaboração do Plano Prospectivo-Indicativo (PPI), em 1979, foi

delineada em torno de três eixos, compreendendo a socialização e a criação de aldeias comunais no campo, a industrialização do país e a formação da força de trabalho.

Muitas das ações do Partido Frelimo e do governo realizaram-se, inicialmente, no contexto da crença de que o Estado era o principal movimentador, mobilizador e acelerador de todos os esforços de desenvolvimento. A conjuntura internacional favorecia essa crença excessiva no moderno, no desenvolvimento – um desenvolvimento e uma inovação tecnológica sem limites em termos materiais.

Nesse contexto, a atuação de *tinyanga* era considerada um retrocesso ao desenvolvimento do país. Só a partir de 1988 o Ministério da Saúde inicia uma parceria com membros daquele grupo social na assistência à saúde, incentivando estudos sobre as suas atividades e o seu papel social, com vistas a uma política de saúde integrativa.

A maioria da população moçambicana recorre até os nossos dias aos seus serviços, procurando solução para os seus problemas entre os centros de saúde e o grupo de *tinyanga*. É de registrar que cada vez mais são reportadas iniciativas diversas de utilização das plantas medicinais e da sua capacidade de cura e bem-estar, assim como a valorização dos conhecimentos endógenos e as suas possibilidades de transformação.

Num contexto de crises econômicas e sociais mundiais que vêm abalando fundamentalmente as camadas mais vulneráveis da população, Moçambique continua a debater-se com desigualdades, ausência de políticas públicas sociais abrangentes na área da saúde, de educação e justiça, relativas ao desemprego, sobretudo de jovens que constituem, como nos demais países do continente africano, quase metade da população, persistindo problemas de inclusão e corrupção que desafiam o processo de governação, num país imenso, com vários grupos populacionais e linguísticos.

Esta obra procura estimular a leitura sobre um período específico da história de Moçambique e sobre a necessidade de confrontar saberes diversos que contribuem para confortar as

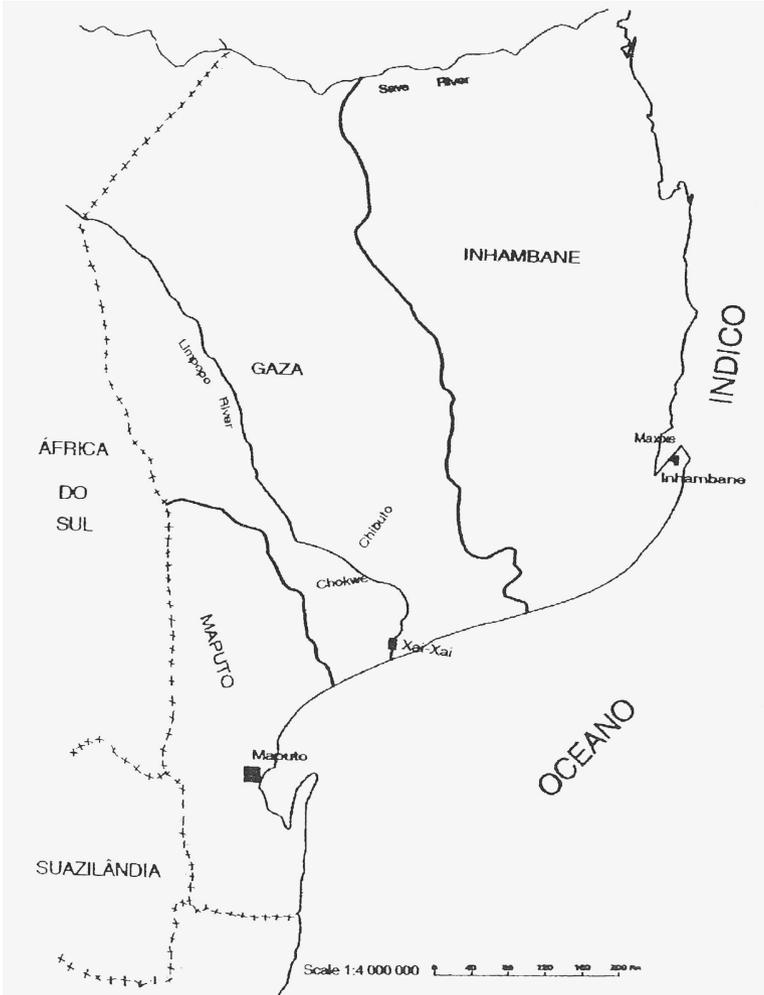
peessoas, revelando-se uma leitura necessária para cientistas sociais e para o público interessado nos processos de transformação da sociedade moçambicana desde o período colonial até a década de 1980.

Isabel Maria Cortesão Casimiro
Centro de Estudos Africanos
Universidade Eduardo Mondlane
Maputo, Moçambique

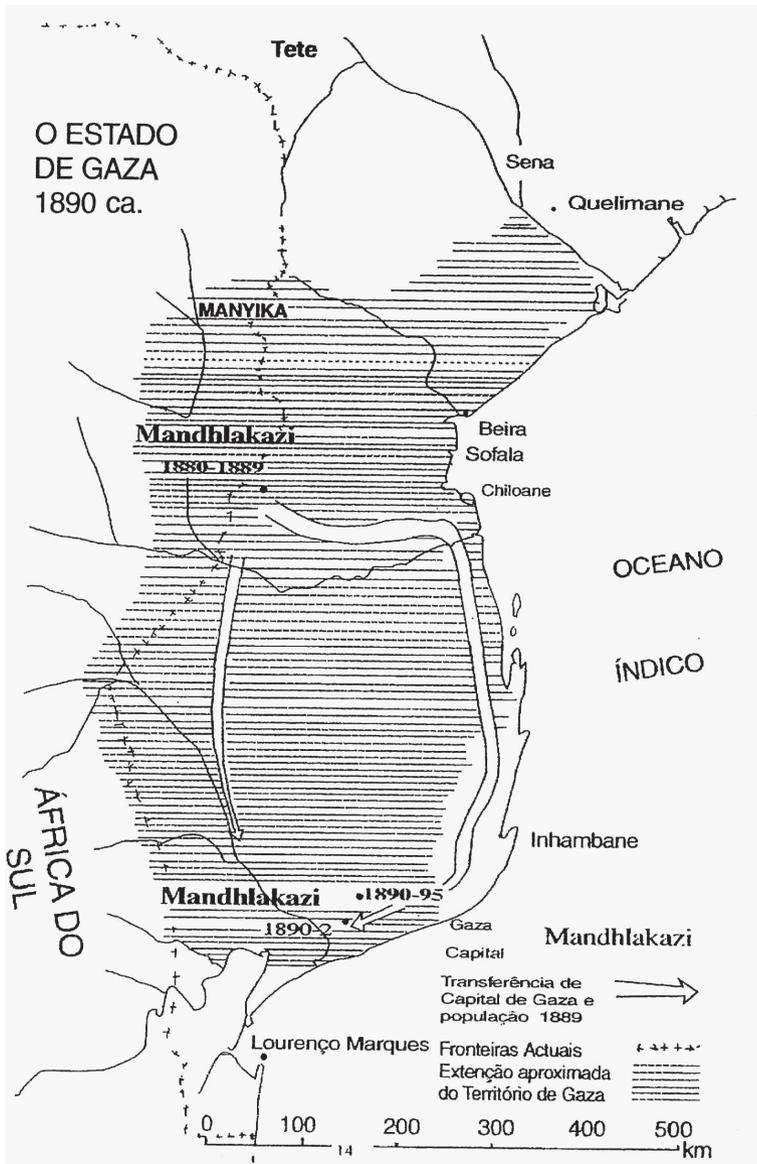
MAPAS



Mapa 1 – Mapa da África, destacando Moçambique.
Fonte: Retirado da internet e modificado pela autora.

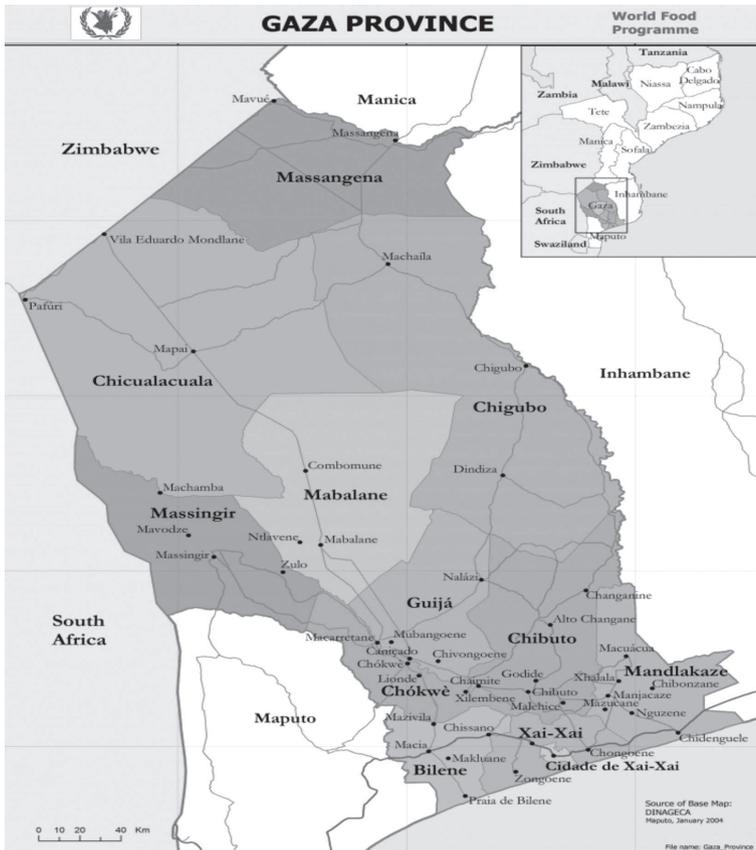


Mapa 2 – Mapa do sul de Moçambique.
Fonte: Luis Antônio Covane. *Trabalho migratório e agricultura no sul de Moçambique (1920-1992)*.
Maputo: Promédia, 2001, p. 19, *apud Atlas Geográfico*, vol. 1. Estocolmo, 1986, pp. 8-9.



Mapa 3 – Mapa do Estado de Gaza (1890).

Fonte: Luis Antônio Covane. *Trabalho migratório e agricultura no sul de Moçambique (1920-1992)*. Maputo: Promédia, 2001, p. 23, apud LIESEGANG, G. *Beitrag zur Geschichte des Reiches der Gaza Nguni im sudlichen Mozambique, 1820-1895*. Tese de doutorado, 1967.



Mapa 4 – Mapa atual da Província de Gaza.
Fonte: <<https://www.google.com.br/search>>.